



# **ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA E RECRIAÇÃO CAMPONESA NO AGRESTE DA PARAÍBA: AÇÕES DO POLO SINDICAL DA BORBOREMA**

Severino Justino Sobrinho <sup>1</sup>  
Edilene Pereira Barbosa <sup>2</sup>  
Josias de Castro Galvão <sup>3</sup>

## **RESUMO**

A resistência histórica do campesinato frente ao capitalismo agrário fez com que a consolidação de direitos e reconfiguração dos movimentos sociais se fortaleçam no espaço rural no Nordeste do Brasil, em especial no Agreste Paraibano em meio as oligarquias agrárias. Os movimentos sociais do campo se reestabelecem continuamente resistindo aos processos de expulsão e expropriação na região através de lutas sindicais em meio ao sistema capitalista que adentra continuamente o campo. Objetiva-se neste trabalho apresentar as principais ações desenvolvidas pelo Polo Sindical da Borborema como forma de resistência e recriação camponesa a Paraíba. Para realização desse trabalho foram realizados levantamento de referências teóricas sobre a questão camponesa na região e trabalhos de campo nas ações organizadas pelo polo sindical e em agricultores que desenvolve estratégias de resistências e consolidação da importância da classe camponesa no campo paraibano. O Polo Sindical da Borborema representa uma resistência e recriação camponesa fundamentada na Agroecologia, na valorização das sementes crioulas, na organização sindical e na defesa dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Como metodologia foram feitas revisão bibliográfica a respeito da temática, posteriormente pesquisamos as ações que vem ocorrendo através das ações do Polo Sindical da Borborema, logo após foram feitas visitas a campo, tanto nos sindicatos rurais do polo da Borborema, quanto na sede da instituição em Esperança-PB. As entrevistas de campo com os atores protagonistas dos movimentos camponeses, sindicalistas e agricultores, são fundamentais para entendermos *in locum* as estratégias e consolidação dessas resistências, lutas e conquistas camponesas. Neste sentido, o mapeamento das áreas destacadas nos municípios que compõem a rede do polo sindical é primordial para entendermos espacialmente esta parte do território paraibano. O polo sindical da Borborema conta com a presença de 16 Sindicatos dos trabalhadores rurais dos respectivos municípios. Esta atuação em rede fortalece a forma e modo de viver no campo em que esses camponeses atuam coletivamente para ampliar suas ações agrícolas e políticas agrárias no campo paraibano. O Polo Sindical da Borborema representa uma resistência e recriação camponesa fundamentada na Agroecologia, na valorização das sementes crioulas, na organização sindical e na defesa dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Sua atuação fortalece a autonomia dos agricultores, promovendo um modelo de desenvolvimento que fortalece a resistência e recriação camponesa no modelo capitalista de produção agrário.

**Palavras-chave:** Polo Sindical, Camponês, Resistência, Agroecologia, Movimentos Sociais.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [severinojustinogeografo@gmail.com](mailto:severinojustinogeografo@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB, [edilene1999@gmail.com](mailto:edilene1999@gmail.com);

<sup>3</sup> Prof. Dr. do Curso de Geografia da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, [josiastcastrogal@hotmail.com](mailto:josiastcastrogal@hotmail.com).



## ABSTRACT

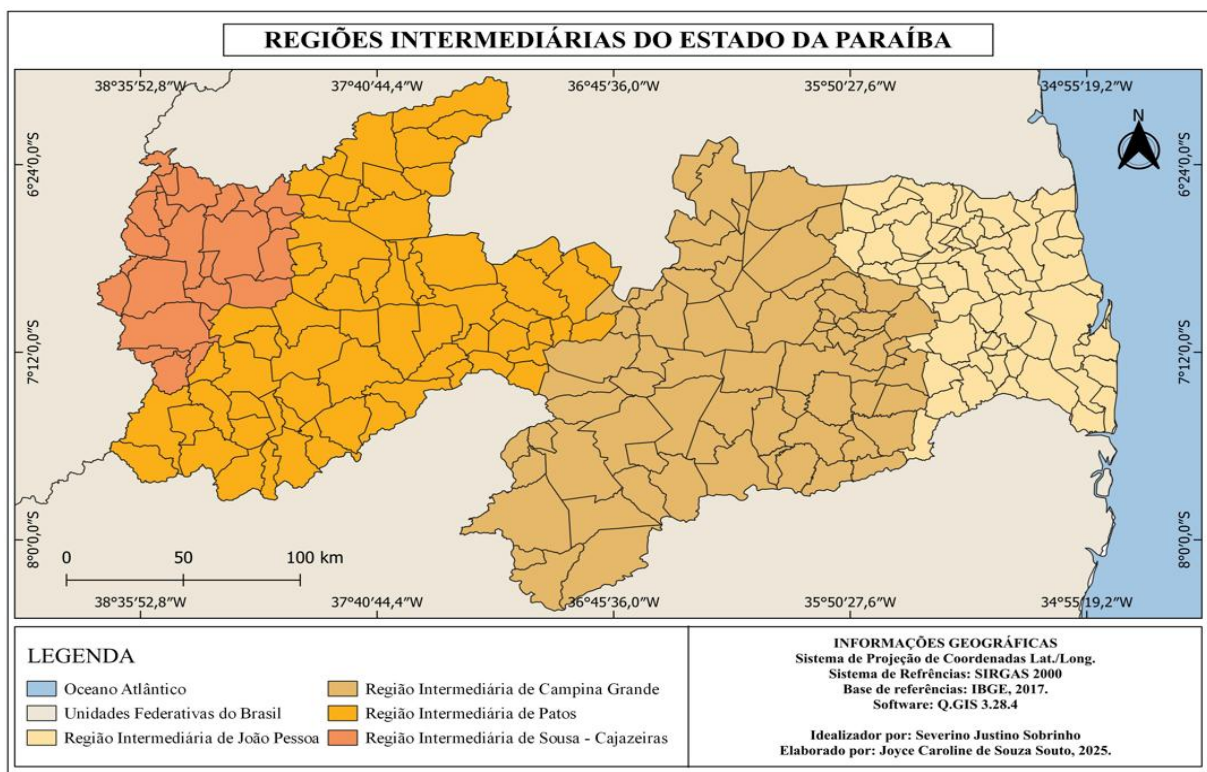
The peasantry's historical resistance to agrarian capitalism has strengthened the consolidation of rights and the reconfiguration of social movements in rural areas of Northeastern Brazil, especially in the Agreste region of Paraíba, amidst the agrarian oligarchies. Rural social movements continually reestablish themselves by resisting the processes of expulsion and expropriation in the region through union struggles amid the capitalist system that continually penetrates the countryside. This work aims to present the main actions developed by the Borborema Trade Union Hub as a form of peasant resistance and re-creation in Paraíba. This work involved a survey of theoretical references on the peasant issue in the region and fieldwork on actions organized by the union hub and with farmers who develop strategies of resistance and consolidation of the importance of the peasant class in Paraíba's countryside. The Borborema Trade Union Hub represents peasant resistance and recreation based on agroecology, the valorization of native seeds, union organization, and the defense of rural workers' rights. The methodology involved a literature review on the topic, followed by research into ongoing actions by the Borborema Trade Union Hub. Field visits were then made to both the rural unions within the Borborema hub and the institution's headquarters in Esperança, Paraíba. Field interviews with key actors in the peasant movements, unionists, and farmers are crucial for understanding the strategies and consolidation of these peasant resistances, struggles, and achievements. Therefore, mapping the highlighted areas in the municipalities that comprise the union hub's network is essential for understanding this part of Paraíba's territory spatially. The Borborema union hub is home to 16 rural workers' unions from the respective municipalities. This network strengthens the way of life in the countryside, where these peasants work collectively to expand their agricultural activities and agrarian policies in rural Paraíba. The Borborema Trade Union Hub represents peasant resistance and recreation based on agroecology, the valorization of native seeds, union organization, and the defense of rural workers' rights. Its activities strengthen farmers' autonomy, promoting a development model that strengthens peasant resistance and recreation within the capitalist model of agrarian production.

**Keywords:** Trade Union Pole, Peasant, Resistance, Agroecology, Social Movements.



## INTRODUÇÃO

A resistência histórica do campesinato frente ao capitalismo agrário fez com que a consolidação de direitos e reconfiguração dos movimentos sociais se fortaleçam no espaço rural no Nordeste do Brasil, em especial no Agreste Paraibano em meio as oligarquias agrárias. A região imediata de Campina Grande-PB é caracterizada, historicamente, por ser uma região heterogênea, localizada entre o litoral e o sertão, possui características peculiares em especial as suas atividades econômicas, com destaque ao sistema rotativo na agricultura (policultora) além, do destaque para a pecuária. Paralelamente, movimentos sociais do campo se reestabelecem continuamente resistindo aos processos de expulsão e expropriação camponesa na região através de lutas sindicais reafirmando a importância do camponês em meio ao sistema capitalista que adentra continuamente o campo. O mapa a seguir mostra a região do Agreste da Paraíba, hoje região imediata de Campina Grande-PB



Objetiva-se neste trabalho apresentar as principais ações desenvolvidas pelo Polo Sindical da Borborema como forma de resistência e recriação camponesa a Paraíba. Para realização desse trabalho foram realizados levantamento de referências teóricas sobre a questão camponesa na região e trabalhos de campo nas ações organizadas pelo polo sindical e em agricultores que desenvolve estratégias de resistências e consolidação da importância da classe camponesa no campo paraibano. Neste sentido, “o Polo Sindical da Borborema surge em 1994 a partir da articulação entre sindicatos dos trabalhadores rurais dos municípios de Solânea-PB,



Remígio-PB e Lagoa Seca-PB com a assessoria da AS-PTA, em busca de estratégias para desenvolver a Agricultura familiar camponesa” (Silveira, Freire e Diniz,2010.pg 15), atuando em frentes como: promoção da Agroecologia, feiras Agroecológicas e mercado, sementes crioulas, cisternas de placas, fortalecimento sindical, luta pela (com)vivência com o Semiárido, enfretamento da violência no campo. Posteriormente outros sindicatos de municípios circunvizinhos se associam ao Polo sindical e fortalece ainda mais as ações sindicalistas na região.

Dessa forma, o Polo Sindical da Borborema representa uma resistência e recriação camponesa fundamentada na Agroecologia, na valorização das sementes crioulas, na organização sindical e na defesa dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Os camponeses vendo a expansão de empresas agrícolas no campo adentrando cada vez mais no território e produção camponesa, com apoio do Estado, resolvem se organizarem socialmente reivindicando mais políticas públicas no campo para a agricultura familiar camponesa em esperas micro e macrossocial.

## **METODOLOGIA**

Como procedimento metodológico para um trabalho de pesquisa inicial, foram feitas revisão bibliográfica a respeito da temática, posteriormente pesquisamos as ações que vem ocorrendo e onde “espacialmente” ocorrem através das ações do Polo Sindical da Borborema, logo após foram feitas visitas a campo, tanto nos sindicatos rurais do polo da Borborema, quanto na sede da instituição em Esperança na Paraíba, além da participação na 16º marcha pela vida das mulheres e pela Agroecologia. As entrevistas de campo com os atores protagonistas dos movimentos camponeses, sindicalistas e agricultores, é fundamental para entendermos *in locun* as estratégias e consolidação dessas resistências, lutas e conquistas camponesas. Neste sentido, o mapeamento das áreas destacadas nos municípios que compõem a rede do polo sindical é primordial para entendermos espacialmente o território paraibano.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O Campesinato tem um debate clássico baseado em Marx, Lênin, Kautsky, Chayanov, Eric Wolf, entre outros autores que traz para contextualizar o modo de vida desta classe social que resiste em meio a uma dialética contrária a seus princípios. Em seu livro *Sociedades Camponesas* Eric Wolf retrata o modo de vida camponês e sua relação com a terra e seu modo



de produção. Neste sentido, o livro retrata que a espécie humana permanece entre o primitivo e a sociedade industrial, servindo de base a Geografia e para as diversas ciências. Wolf (1970) ressalta que colocar o camponês como atraso é uma expressão errônea e mal compreendida, pois estes, são diferentes em diversas regiões do mundo, apesar de serem vistos como “tradicionais”, “conservadores” e “opostos” pelas sociedades ditas modernas.

Para Wolf (1970) a diferença entre os camponeses e os primitivos é justamente a organização de seus excedentes, enquanto os primitivos trocam seus produtos diretamente, os produtos dos camponeses são transferidos para um grupo dominante. Com o processo de evolução os sistemas foram substituídos por sistemas mais complexos com a divisão funcional do trabalho. Outro fato é que os camponeses têm um fundo de reserva para reparo de equipamentos e outras necessidades como o casamento, o aluguel ao seu senhor que tem o domínio da terra pelo uso, quando não supre o fundo, este camponês deve buscar outra fonte para quitar a dívida. “Para equilibrar sua balança, desdobram-se para sobreviver sem compromissos excessivos com o sistema que os envolve”. (Wolf, 1970, p.33). Neste contexto, o camponês tem que manter o equilíbrio de sua família com as exigências exteriores, incrementando a produção e reduzindo custos, sem gerar renda.

Em se tratando dos aspectos econômicos do campesinato, Wolf destaca que a capacidade de trabalho é baseada na união de técnicas e domesticação animal para produzir alimentos através de sistemas de pousio. O autor destaca que a coivara é uma forma de pousio, sendo muito utilizado em áreas semiáridas, sendo divididos em pousio de curta duração, longa duração e permanente. Para Wolf (1970), o Camponês não está ligado somente a agricultura, mais também ao vestir, construir casas, fazer recipientes, manufaturas e instrumentos para a agricultura. E há um mercado em rede constituído por parentes e amigos unidos pela troca econômica. Esse mercado está sujeito a flutuações pois os preços são regulados pela procura e estoque. O camponês produz para a família e para o ano seguinte.

O camponês está sempre em débito com vários fatores para manter a produção pois ele precisa de água, dinheiro, juros de ferramentas, de animais para cultivo, pelo fato do senhor feudal ser soberano, supremo e protetor das terras. “a relação entre Senhor Feudal e Camponês era de contrato em troca de proteção e de terras” (Wolf, 1970, p.79). A sociedade camponesa era rígida e sem ascensão social, sendo o campesinato importante para manter o equilíbrio social e ideologia, sobretudo religiosa, para manter a estrutura social.

Para Henri Mendras (1978), compreender o termo camponês, é necessário entender a família camponesa, a unidade indissociável que conta ao mesmo tempo os braços que trabalham e as bocas que têm de ser alimentadas. Neste sentido, para o campesinato, a família é um grupo



doméstico que vive do mesmo pote e do mesmo fogo, do mesmo pão e do mesmo vinho, subscrevendo, por exemplo, a relevância do parentesco para os estudos sobre o campo, convivendo em grupo, em coletividade, e ainda com fatores externos adaptados e ou descartados pelo grupo.

Além do mais, se todos os membros de uma sociedade camponesa, e não somente aqueles que trabalham a terra, são camponeses, artesãos, comerciantes, notáveis são camponeses, da mesma forma que os cultivadores. Disso resulta, logicamente que se pode imaginar uma sociedade camponesa que não esteja baseada na agricultura e que não apresente tampouco os traços característicos do modelo. É verdade que é difícil perceber como a autossustentação poderia existir sem a agricultura. (Mendras, 1978, p.15)

Assim, para Mendras (1978), a sociedade camponesa se divide em cinco traços; uma autonomia relativa das coletividades em uma sociedade envolvente que as domina, mas tolera suas originalidades, a estrutura de um grupo doméstico na organização da vida econômica e social coletiva, um sistema que não distingue consumo de produção, uma coletividade de interconhecimento e relações circunvizinhas, decisões baseadas na mediação. Daí a importância político-social do campesinato.

Marx (1975), em seu livro *O Capital*, traz uma crítica a economia política, tratando da acumulação primitiva. tem por objetivo discutir como o desenvolvimento do capitalismo industrial na Inglaterra, teve como pressuposição o desmantelamento da estrutura feudal, agrária, e a transformação desta em estrutura capitalista, subordinada a lógica de acumulação de capital em ascensão.

Marx (1975, p. 785) ressalta que o dinheiro é transformado em capital, e de como por meio dele é produzido o mais-valor e do mais-valor se obtém mais capital. Porém, a acumulação do capital pressupõe o mais-valor, a produção capitalista, e esta, por sua vez, produz a existência de massas relativamente grandes de capital e de força de trabalho nas mãos de produtores de mercadorias. Todo esse movimento parece, portanto, girar num círculo vicioso, do qual só podemos escapar supondo uma acumulação “primitiva”, uma prévia à acumulação capitalista, uma que não é resultado do modo de produção capitalista, mas seu ponto de partida.

A produção do espaço camponês sempre foi e continua a ser marcado por resistência aos regimes econômicos, políticos e externos com exploração do trabalho. O campo foi ao longo do tempo tido como periférico sem ligação com a indústria, tido como atraso. Mesmo assim, com essa errônea impressão, eles foram responsáveis pela alimentação interna. Para Carmo (2009, p.259) este “espaço rural se caracteriza essencialmente pela noção de continuidade (entre local de residência e local de trabalho, entre proximidade física e proximidade afetiva), que



advém, sobretudo, do baixo nível de densidade populacional”. Nestas desigualdades sociais as estruturas rurais e urbanas se confrontam numa dialética constante.

Para Queiroz (1976), a elite brasileira ressaltava que a mestiçagem atrasava o progresso no Brasil, pois o mestiço era tido como racial e fisicamente desequilibrado, mas foram destruídas essas hipóteses, essas teorias. Esses indivíduos de “raça pura”, eram contra as minorias étnicas. Assim, o meio rural que era tido como atrasado, pois o mestiço era inapto, mas não foi encontrado bases teóricas para essa sustentação. A autora resalta que na obra “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, retratava o caboclo e a vida longínqua dos moradores do sertão, esses, não tinham uma vida em que o progresso chegava igual a zona litorânea, por isso perdurou no imaginário essa concepção de atraso. O mestiço era tido como vagabundo e que somente eram dominados pelos fazendeiros é que os fazem produzir.

Nessa construção do campesinato no Brasil, ressaltada também nas obras de Gilberto Freire, “Casa Grande e senzala”, “sobrados e mucambos” Queiroz (1976) resalta que a paisagem social no Brasil se reportou ao mundo rural entre a casa grande e a senzala e posteriormente foi direcionada para as cidades. Os estudiosos do meio rural brasileiro mal saíram ao campo e classificava as classes sociais apenas como duas classes e constatavam assim o isolamento dos grupos camponeses. Para a autora a roça do sitiante fornece alimentação para mais de 70% da população. Os sítiantes são responsáveis pelas plantações que cultivam, exprimindo trabalho do homem com a terra, trabalho independente, economia doméstica e práticas rudimentares.

Maria Nazareth Baudel Wanderley estudiosa do campesinato brasileiro destaca que a produção camponesa tem como premissa a terra, o trabalho e a família. Neste sentido, a família define estratégias de assegurar a sua sobrevivência imediata e garantir a reprodução de gerações futuras. Para Wanderley (1996), a história do campesinato brasileiro pode ser definida como o registro das lutas para conseguir um espaço próprio na economia e na sociedade, mas sempre limitada ao segundo plano. Mesmo assim o camponês é um artesão independente que se reproduz na sociedade moderna mesmo sendo apropriado pelo modo capitalista.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Atualmente o território do Polo Sindical da Borborema conta com a participação e atuação de 16 sindicatos de municípios paraibanos, e dezenas de associações articulando-se em rede entre eles buscando uma maior visibilidade entre os camponeses, mais também, de reivindicar direitos e serem vistos pelo Estado. O polo sindical da Borborema conta com a presença de 16



Sindicatos dos trabalhadores rurais dos respectivos municípios: Alagoa Nova, Lagoa Seca, Remígio, Arara, Areal, Casserengue, Esperança, Massaranduba, Matinhas, Montadas, São Sebastião de Lagoa de Roça, Serra Redonda, Puxinanã, Solânea e Queimadas-PB. Esta atuação em rede fortalece a forma e modo de viver no campo em que esses camponeses atuam coletivamente para ampliar suas ações agrícolas e políticas agrárias no campo paraibano.

Dessa forma, o Polo da Borborema passou a se consolidar não só como um ator demandador de políticas públicas específicas, mas fundamentalmente como espaço político-organizativo unificador do conjunto das organizações da agricultura familiar em torno à construção de um projeto comum de desenvolvimento local e de promoção da agroecologia (Silveira, Freire e Diniz, 2010, p. 16).

Entre as principais ações realizadas pelo PSB destacam-se, inicialmente, os BSc Bancos de Sementes Comunitárias ou Sementes da Paixão, movimento de troca e captação das sementes oriundas e adeptas ao clima e solo paraibano, valorizando as sementes tradicionais, combatendo o uso de sementes transgênicas.

Os quintais de casa ou arredores de casa é um projeto de incentivo aos cultivos de verduras como coentro, couve, quiabo e outras que enriquecem a dieta das famílias com vitaminas, além da própria comercialização desses produtos na vizinhança e em mercados locais, nesses locais ainda são cultivadas plantas medicinais para uso familiar, com o apoio de um projeto de convivência com o semiárido Cisternas tipo Calçadão são frutos do Programa Uma Terra e Duas Águas (PI+2) essas cisternas disponibilizadas para as famílias que possuam os quintais de casa, essas cisternas também servem para o autoconsumo. Outra ação do PSB é a Marcha das Mulheres: Pela Vida das Mulheres e da Agroecologia que desde 2010 vem sendo realizada em municípios do Brejo da Paraíba vem alertando sobre a violência no campo e o papel da mulher na Agroecologia.

Em busca de uma maior autonomia produtiva e comercial, entidades como o Polo da Borborema, a Ecoborborema e a AS-PTA traçam estratégias para atribuir novos mercados para os agricultores, trabalhando em coletividade com os agricultores e técnicos. Dentre as várias políticas de que fazem parte, como o PAA, recursos hídricos, sementes, mudas, há também o acesso aos mercados através das várias feiras implantadas nas cidades do agreste paraibano, que levam uma alimentação orgânica/agroecológica diretamente ao cliente.

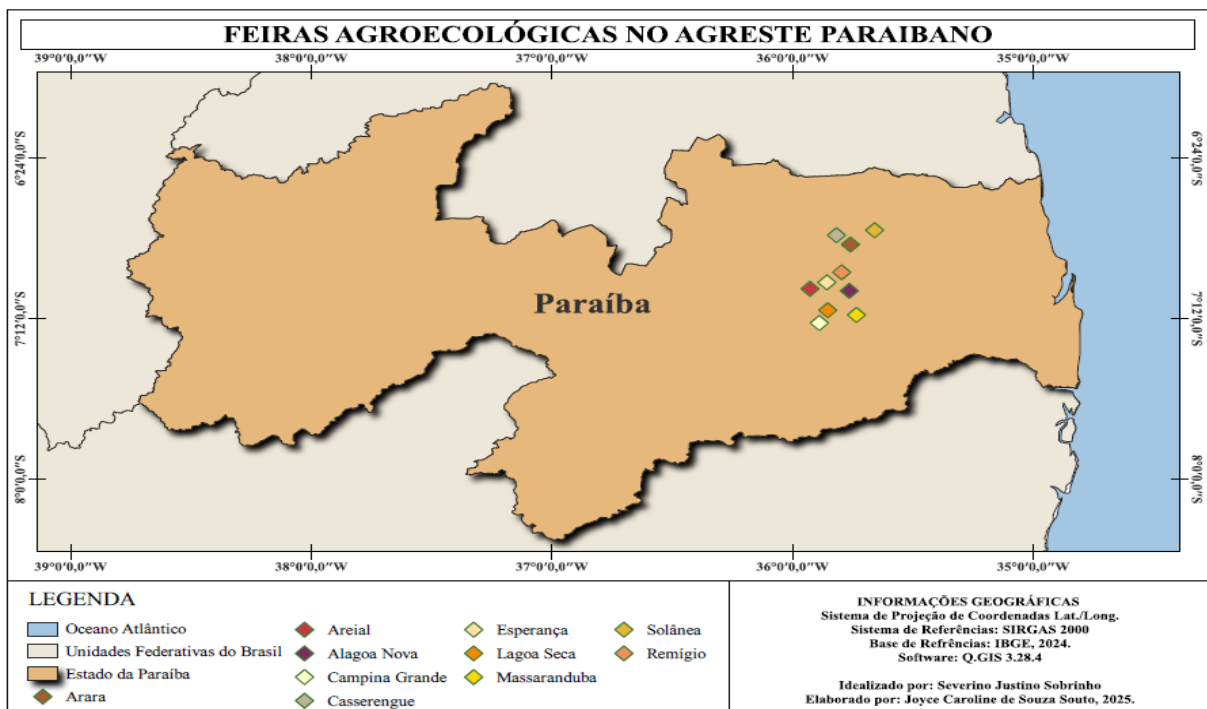
Essas estratégias destacadas acima são organizadas a partir de comissões como destaca (Silva, 2019, pag.223-231)“Comissão de Recursos Hídricos: b) Comissão de Sementes; Comissão de Saúde e Alimentação; Comissão de Criação Animal; Comissão de Cultivos Agroflorestais; Comissão de acesso a mercados; Comissão da juventude”, a partir disso,





constatamos a partir das estratégias que essas comissões atuam de frente a Agroecologia e a Agricultura familiar camponesa.

O Polo Sindical da Borborema representa os agricultores da Borborema, numa articulação de sindicatos para organizar a agricultura familiar na região Agreste. Esta entidade tem várias ramificações da agricultura familiar, atuando na distribuição de sementes nativas, mudas frutíferas, cisternas de placas e apoio à produção e às feiras agroecológicas regionais. Neste sentido entenderemos quais e como as políticas públicas e sociais e bandeiras de lutas para o homem do campo são adotadas para a consolidação desses movimentos sociais presentes na região. O mapa a seguir especializa a localização das feiras agroecológicas na região imediata de Campina Grande-PB.



O Polo Sindical da Borborema possui cerca de 82 (oitenta e dois) bancos de sementes com sede na cidade de Montadas-PB no Agreste. A associação regional Ecoborborema surgiu no ano de 2002 com o título de “Natal sem veneno”, consistindo numa organização entre agricultores com o objetivo de difundir uma alimentação mais saudável para a população e rentável para sua família. A instituição realiza reuniões e articulações periodicamente e funciona na cidade de Lagoa Seca-PB, na sede do sindicato dos agricultores daquele município. A seguir tem-se imagens da Feira agroecológica realizado em Campina Grande-PB em 2025.



Feira agroecológica regional de Campina Grande-PB (Sobrinho,2025)

As feiras agroecológicas são uma espécie de resultado desse esforço de organização, elas surgem como uma “nova” proposta de consumo, abarcando novos mercados em espaços conquistados em parcerias com entidades sociais como a Ecoborborema e o Polo Sindical etc. Os mercados varejistas e institucionais também fazem parte do dia-a-dia dos agricultores agroecológicos da região através de intermediários que compram e repassam a produção. A presença dos intermediários, mais conhecidos como “atravessadores”, cria dificuldades para os agricultores familiares, uma vez que alimenta as relações de dependência econômica. Para Roselita Vitor uma das coordenadoras do Polo Sindical da Borborema, o sindicato não visa apenas o sindicalismo, ela enfatiza que:

*Então a gente diz que aqui no polo da Borborema uma é a gente tem um sindicalismo que se preocupa com a vida das pessoas. Não é só um sindicato que dá entrada em aposentadoria e não sei o quê. Ele está preocupado se a família tem água para beber ou não, se tem semente para plantar, se armazenou alimento para os animais, para o período do verão. Então é um sindicato que reconhece primeiro papel dos agricultores como pessoas capazes de transformar sua realidade. Eu acho que isso é uma questão muito importante para a construção do sindicalismo para esse sindicalismo, né! Atuante! A outra é porque é um sindicato que saiu de trás do birô que vai para as comunidades, que é que articula que olha, né! Que está conversando com as famílias agricultoras, dialogando, promovendo a auto-organização das mulheres, dos jovens... Então é um sindicato que as famílias vão se identifica com ele. (entre vista com Roselita Vitor, coordenadora do Pólo Sindical da Borborema, 28/01/2025)*

O polo Sindical da Borborema reúne os sindicatos de trabalhadores Rurais de 16 municípios do Agreste Paraibano, a sua origem advém de três fatores: uma ação sindical orientada para o apoio da agricultura familiar e ligada a uma nova geração de dirigentes que aborda a produção agrícola e o meio ambiente; a necessidade de se opor à posição conservadora da federação de trabalhadores rurais do Estado da Paraíba. É membro da Contag, que não aderiu à Central Unificada de Trabalhadores e parceiro dos STR com ONGs regionais em apoio à agricultura familiar sustentável ou agroecológica (SABOURIN, 2009). O presidente do



sindicato de Alagoa nova-PB ressalta a importância da criação dos sindicatos para o fortalecimento da agricultura familiar.

*Nós criamos o Polo Sindical em 96 e quando nós criamos o Polo Sindical naquele tempo só foi com 8 sindicatos. [...]. Então criamos o Polo e junto com a AS-PTA que tinha chegado aqui em 1993 e tinha implantado um trabalho de Agroecologia em Solânea, Remígio e Lagoa Seca, um trabalho de agricultura familiar livre de veneno de agrotóxico de transgênicos, então colocamos a AS-PTA como parceira nossa, aí nós criamos um trabalho de agroecologia no Polo. O trabalho de agroecologia tem vários pilares, trabalhando com as plantas, não usando veneno e replantando frutíferas, pois temos um grande viveiro de mudas na AS-PTA e aqui em Alagoa Nova temos um grande viveiro de mudas lá no Engenho Geraldo frutífera e não frutífera para qualquer agricultor familiar que quiser gratuitamente. (Entrevista com Nequinho, presidente do sindicato de Alagoa Nova-PB, 31/12/2024)*

As redes de agroecologia constituídas no Agreste Paraibano, envolvendo o Polo Sindical da Borborema, a ASP-TA e a Ecoborborema, fixam suas políticas voltadas para o desenvolvimento endógeno do homem do campo, através da tomada de decisões locais e institucionais para o crescimento familiar com políticas públicas voltadas para a segurança e soberania alimentar no campo e na cidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Polo Sindical da Borborema representa uma resistência e recriação camponesa fundamentada na Agroecologia, na valorização das sementes crioulas, na organização sindical e na defesa dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Sua atuação fortalece a autonomia dos agricultores, promovendo um modelo de desenvolvimento que fortalece a resistência e recriação camponesa no modelo capitalista de produção agrário. O surgimento de organizações que defendem a agroecologia nos anos 90, na Paraíba, como a AS-PTA, o Polo Sindical da Borborema, a Ecoborborema e outras entidades, fazem brotar no agreste uma dinâmica produtiva que fortalece o mercado local.

Embora com pouca terra, a agricultura familiar consegue produzir e produzir com relativa diversificação, com capacidade e potencial para atender ao mercado interno, apesar de todo o processo agroquímico que se instalou no Brasil. A agroecologia tem conseguido pautar o tema da segurança na alimentação levando alimentos saudáveis à mesa dos brasileiros. Enxergar esse universo que envolve as agriculturas alternativas mostra-nos que a persistência e a produção agroecológica perduram e resistem em meio à agricultura de larga escala, pautadas pela Revolução Verde e intensificadas nos latifúndios que ainda persistem no Brasil com uma monocultura que expulsa cada vez mais o homem do campo e empobrece o seu *habitat*.



## REFERÊNCIAS

- MARX, Karl. **O capital.**: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1975. Capítulo 24 do Livro I.
- MENDRAS, Henri. **Sociedades Camponesas**. Tradução de Maria José da Silveira Lindoso. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1978.
- QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. **Do rural e do urbano no Brasil**. In Tomaz Szmecsanyi e Oriwaldo Queda. Vida rural e mudança social. São Paulo. Editora Nacional, 1972.
- SILVEIRA, L. M.; FREIRE, A. G.; DINIZ, P. C. Polo da Borborema: ator contemporâneo das lutas camponesas pelo território. **Agriculturas**, v. 7, n. 1, 2010, pp. 13-19.
- SILVA, Pablo Melquisedeque, Souza e. **CAMPESINATO E AGROECOLOGIA EM REDE**: a dinâmica do movimento agroecológico no Brasil e sua manifestação no Nordeste e no Agreste Paraibano. João Pessoa, 2019.
- WANDERLEY Maria de Nazareth Baudel. In TEDESCO, João Carlos (org). **Agricultura familiar – realidades e perspectivas**. Passo Fundo: Editora Universitária de Passo Fundo, 1996.
- WOLF, Eric R. **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.